



Fundação Educacional do Município de Assis  
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis  
Campus "José Santilli Sobrinho"

**ALAN PEREIRA ALVES**

**A MÍDIA E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO PRECONCEITO  
LINGUÍSTICO**

**Assis/SP**

**2011**

**ALAN PEREIRA ALVES**

**A MÍDIA E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO PRECONCEITO  
LINGUÍSTICO**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS) do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – IMESA e à Fundação Educacional do Município de Assis - FEMA.

**Orientando:** Alan Pereira Alves

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia V. S. Carbone

**Linha de pesquisa:** Ciências Sociais e Aplicadas

**Assis/SP**  
2011

## SUMÁRIO

Resumo .....	01
É a Gramática Normativa mais do que a fala? É a língua mais do que o indivíduo?.....	01
A língua como arma de dominação .....	06
A mídia na sociedade contemporânea.....	08
Transcrições e análises de alguns personagens da cena humorística brasileira	
Dona Edith, de Terça Insana.....	09
Jeca Gay, do humorístico “A Praça é Nossa” .....	11
Considerações finais.....	15
Referências.....	16

## A MÍDIA E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Alan Pereira Alves – Discente FEMA<sup>1</sup>

### Resumo

O preconceito linguístico está cada vez mais arraigado em nossa sociedade. Podemos identificá-lo, por meio de uma análise mais detalhada, nos programas de televisão e de rádio, além de matérias humorísticas veiculadas em jornais e revistas, entre outros meios de comunicação, bem como na própria prática pedagógica do ensino da língua materna. Este último caso pode ser verificado muito claramente até em manuais didáticos de ensino da língua. Alguns dos programas humorísticos existentes atualmente nos canais das televisões brasileiras – sobretudo os destinados à chamada TV aberta – têm por finalidade, é claro, o entretenimento. Contudo, estes mesmos veículos valem-se da discriminação linguística como recurso para entreter o seu público, ávido – diga-se de passagem – por atrações desse nível. E como as televisões abertas parecem ter como único critério de base para o êxito (ou não) de seus programas, a audiência, não resta muita opção de divertimento à população que não tem condições financeiras (e sequer referencial cultural) para escolher o que quer ou não assistir, por meio de um critério mais intelectual. Naturalmente que tal população, desprovida muitas vezes desse senso crítico e cultural, é, de fato, vítima de todo um sistema de massificação para fins de manobras midiáticas e políticas... Em programas como *Zorra Total*, *A Praça é Nossa*, *Toma Lá Da Cá*, e em episódios de companhias de teatro como *Os Melhores do Mundo* e *Terça Insana*, há a presença de personagens, que provocam o riso ao se apresentarem como falantes da norma não-padrão, a qual, curiosa e paradoxalmente, se constitui no modo de comunicação da maioria dos falantes da língua portuguesa do Brasil. Vale lembrar também que tais personagens pertencem à camada social menos favorecida. Não bastasse a caricatura do “brasileiro ignorante”, tal personagem é, ainda, muitas vezes rotulado como o pobre, o homossexual, a loira burra, reforçando a idéia de que ser pobre, homossexual e mulher loira é um defeito.

**Palavras-chave:** mídia; preconceito linguístico; norma padrão.

### 1. É a Gramática Normativa mais do que a fala? É a língua mais do que o indivíduo?

Em uma sociedade que privilegia algumas normas de falas e exclui outras, que elevam regras gramaticais acima dos falantes que não as dominam, parece estas indagações terem ambas uma mesma resposta. Sim.

Infelizmente, em nossa sociedade não é raro nos depararmos com situações em que um falante é acusado de não saber falar. Situações nas quais este falante é

---

<sup>1</sup> O aluno está cursando a 2ª série do Curso de Bacharelado em Publicidade e Propaganda, do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis (IMESA), da Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA). É bolsista do PIC – Programa de Iniciação Científica, sob a orientação da Drª. Márcia Valéria Seródio Carbone.

repreendido e acusado de ser um mal falante da própria língua materna, por não dominar regras gramaticais. Ocorre mesmo de o próprio falante assumir estas acusações e praticá-las em relação a outros falantes, como se fossem verdades.

No entanto, estes mesmos aos quais pesa o jugo de tal condenação, constituem os falantes da norma não-padrão da fala da sociedade brasileira, subjugados a um ensino precário e insuficiente para proporcionar-lhes o domínio de tais regras. Esses falantes compõem uma classe social menos favorecida e desprestigiada, que, por sinal, ironicamente, é a maior parcela da comunidade de falantes da sociedade.

Assim, pertencendo estes falantes a uma classe social desprestigiada, seu código linguístico também não é visto com prestígio. Por outro lado, o fato de que uma minoria dos falantes do português no Brasil domina a norma culta é uma questão social. Bagno (2006, p. 27) observa que:

O português não-padrão é a língua da grande maioria pobre e dos analfabetos do nosso povo, [...]. É também, conseqüentemente, a língua das crianças pobres e carentes que frequentam as escolas públicas. Por ser utilizado por pessoas de classes sociais desprestigiadas, marginalizadas, oprimidas pela terrível injustiça social que impera no Brasil, o PNP<sup>2</sup> é vítima dos mesmos preconceitos que pesam sobre essas pessoas. Ele é considerado “feio”, “deficiente”, “pobre”, “errado”, “rude”, “tosco”, “estropiado.

Desse modo, notamos que o preconceito linguístico é, antes de tudo, um preconceito social. É uma ação contra aqueles que, por não possuírem *status* e poder na sociedade em que estão inseridos, tendem a serem excluídos e discriminizados. Bagno (2004, p. 16) esclarece que:

[...] São essas graves diferenças de *status* social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro- que são a maioria de nossa população- e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola.

Vemos nas próprias escolas, o local da socialização da aprendizagem e da formação, o preconceito linguístico ser alimentado. Alunos que são reprimidos por outros alunos e pelos próprios professores por estarem falando “errado”, porque estes fazem uso

---

<sup>2</sup> PNP: português não-padrão

de uma variedade que não utiliza as formas gramaticais padronizadas. Isto reitera a fragilidade no ensino das escolas brasileiras. A esse respeito, Marta (2008, p. 133) opina que

[...] as escolas, muitas vezes, eliminam, pela punição com nota baixa, pela reprovação e pela eventual ou conseqüente evasão escolar, os alunos que não dominam formas de prestígio [...].

Marta (2008, p. 138) salienta ainda

Em matéria de gramática, o que se ensina na escola é a gramática normativa da língua de uma comunidade e não *a língua desta comunidade*. Então, quando um falante nativo de uma língua explicita o sentimento secular inculcado de que *não sabe falar sua própria língua*, ele está de fato confundindo *sua língua* com gramática normativa de parte de sua língua.

Por extensão, podemos notar que o preconceito lingüístico é sustentado pelo preconceito social. E mais do que isso: se vale ainda de outras rotulações na mídia brasileira.

O preconceito social fica caracterizado ao vermos que os falantes das variedades do português não-padrão são, de fato, os falantes das classes sociais menos favorecidas. Estes mesmos que são acusados de assassinar a gramática são, antes, vítimas de uma sociedade injusta e desigual; uma sociedade capitalista ao extremo, onde poucos detêm o poder, enquanto a maioria é submetida à exploração dos ditos “poderosos”, os quais são também detentores das regras gramaticais as quais querem impor sob pena de exclusão do grande restante da sociedade. Trata-se de vitimados por um sistema social habituado a ser regido pela imposição.

Naturalmente que o preconceito social deve ser combatido, arrancado do seio de uma sociedade que diz almejar justiça social para todos, expressamente declarado em sua Constituição Federal, inclusive. No entanto, vemos o contrário. Carregamos ainda as farpas de uma dominação violenta que se impõe, sob medida de força, àqueles a quem essa mesma sociedade julga inferiores. Farpas estas estigmatizadas na sociedade brasileira, que após vários anos de independência, é, ainda hoje, reflexo da dominação sofrida por Portugal. É isso que faz com que muitos gramáticos assumam que o verdadeiro português é

o falado somente nas terras lusitanas, sendo nós, brasileiros, assassinos deste português. Assume-se que brasileiro não sabe falar o português.

Bagno (2004, p. 20) é contrário ao mito de que “*Brasileiro não sabe português / só em Portugal se fala bem o português*”. O autor ressalta: “Essas duas opiniões tão habituais, corriqueiras, comuns, e que na realidade são duas faces de uma mesma moeda enferrujada, refletem o complexo de inferioridade, e sentimento de sermos até hoje uma colônia dependente de um país mais antigo e mais ‘civilizado’”. E é baseada no português de Portugal, a gramática pela qual querem reger a sociedade de fala brasileira.

Também Bagno (2004, p. 26) observa que “no que diz respeito no ensino do português no BRASIL, o grande problema é que esse ensino até hoje, depois de mais cento e setenta anos de independência política, continua com os olhos voltados para a norma linguística de Portugal”.

Sendo toda forma de preconceito uma forma de exclusão, o preconceito contra a homossexualidade tende a excluir o próprio homossexual, desta forma, o preconceito a uma determinada cultura, caracteriza-se na tentativa de exclusão das pessoas cujas compõem essa cultura. O preconceito social não exclui a pobreza e sim o pobre, o preconceito lingüístico também tende a excluir não só a fala, mas seus falantes, lançando-o às margens de uma cultura de prestígio.

Marta (2008, p. 42) considera que

[...] O ensino normativo tem o objetivo explícito de banir da(s) língua(s) formas ditas empobrecedoras , formas ditas desviantes, formas consideradas indignas de uma *língua bem falada* e, portanto, consideradas indignas de serem usadas por *homens de bem*. E, na perseguição deste objetivo (no sentido mais literal do termo), muitas vezes, e com freqüência, banem-se da escola não as formas linguísticas consideradas indesejáveis, mas, sim, as pessoas que as produzem, porque estas formas são normalmente produzidas em maior número pelas pessoas de classe social sem prestígio.

Dessa forma, o preconceito lingüístico vai criando marginalizados em nome das boas regras gramaticais. Marta (2008, p. 43) observa ainda que

Em nome da *boa língua* pratica-se a injustiça social, muitas vezes humilhando o ser humano por meio da não-aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a

escola e a sociedade – da qual a escola é reflexo ativo – fazem associações perversas, sem respaldo lingüístico estrutural, entre domínio de determinadas formas linguísticas e beleza ou feiúra; entre domínio de determinadas formas linguísticas e elegância ou deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência e incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência ou burrice [...]

Não se pode alcançar a tão almejada justiça social, sem que haja por parte da própria sociedade uma evolução, e rompimentos com alguns dogmas que tem como função inferiorizar uma parte da sociedade a fim de privilegiar outra. É preciso uma mudança cultural. É preciso valorizar cada indivíduo independente de sua classe social, raça e cor, religião, opção sexual bem como independentemente do seu código lingüístico. Justiça social, não é somente dar pão aos que tem fome, emprego e moradia, saúde e educação. Todas estas necessidades são básicas e de direito de cada cidadão, constituído por lei. É exercício de justiça social, no entanto e também, o respeito às diversas variações linguísticas que compõem o português brasileiro, bem como a seus falantes.

Porém, o que vemos, são desrespeitos e discriminações aos falantes das ditas variedades do português brasileiro não regidas pela gramática normativa. Deste modo, cria-se em nossa sociedade, os sem-língua. Bagno (2004,p. 16-17) salienta que

[...] assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. [...] são os *sem-língua*. É claro que eles também falam o português, uma variedade de português não padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida com válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomam como referencia ideal.

A língua que teria por finalidade a comunicação entre os seres humanos, quando tirada de sua essência, passa a ser utilizada como forma de criar barreiras entre estes. Através da língua, determinados grupos de fala são excluídos na própria sociedade em que vivem, justamente por diferenças no seu modo de falar. Infelizmente, este mesmo mecanismo de comunicação, é também utilizado como arma de exclusão e de dominação entre os homens.

## 2. A língua como arma de dominação.

As linguagens humanas são um complexo e maravilhoso modo de estabelecermos comunicação. É por meio da linguagem que determinado povo utiliza para comunicar entre si, que sua cultura é estabelecida, e, através desta mesma linguagem, eternizada entre as pessoas que a formam.

Marta (2008, p. 10) considera:

As línguas humanas são, sem dúvida, excelentes instrumentos de comunicação, embora mal-entendidos entre os seres humanos sejam comum, mesmo quando há domínio de uma mesma língua, de uma mesma variedade. As línguas humanas são, em verdade, mais do que excelentes instrumentos de comunicação. São, também, reflexo da cultura de um povo. São, além disso, parte da cultura de um povo. São ainda mais do que isto: são mecanismos de identidade. Um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função de sua língua.

No entanto, a língua pode ser utilizada de forma perversa e destrutiva, tornando-se arma de dominação nas mãos dos “poderosos”. Marta (2008, p. 10) observa ainda :

[...] As línguas humanas podem, sim, ser excelentes instrumentos de comunicação, mas podem ser também perversos instrumentos de poder e de dominação, especialmente quando se naturalizam relações espúrias entre determinadas construções linguísticas e as pessoas que a falam.

Num processo de dominação, é imposta ao dominado, a cultura e os costumes do dominante. É imposta também sua linguagem. Meio pela qual, sua cultura e costumes são infusos aqueles a quem se dominam. Como prova disso, tomemos, por exemplo, o próprio passado do povo brasileiro.

Antes à dominação sofrida por Portugal, esta terra, hoje, Terra de Santa Cruz, onde a Cruz foi fixada sob pena de violência e mortes, viviam os Tupis Guaranis. Com sua língua, cultura e seus costumes próprios. No entanto, sob pena da dominação sofrida pelos “Desbravadores das Américas” os Tupis tiveram sua linguagem arrancada assim como costumes e culturas particulares.

Santos (1996, p. 45) salienta que

[...] cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade. Cultura é um território

bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade.

Tirar a linguagem de um povo é tirá-lo sua essência. É apartá-lo de sua identidade. E assim, hoje nestas terras já antes habitadas e que não descobertas, mas arrancadas, os costumes dos seus verdadeiros representantes, estão quase que extintos, bem como sua cultura e sua linguagem.

Nos dias atuais, infelizmente vemos este processo de dominação, seguir a mesma ordem. Uma cultura elitizada, julgando-se superior, se impõe àqueles tidos como inferiores. E o método utilizado para tal imposição permanece o mesmo. Pela imposição da linguagem. A elite impõe sua linguagem, discriminando e marginalizando toda e qualquer forma de linguagem que fuja a sua regra gramatical.

Foi por meio da linguagem que os portugueses instauraram seus dogmas no seio da sociedade já dominada que destes herdaram os preconceitos às linguagens não regidas por sua gramática normativa.

Marta (2008, p. 89) observa também que “na história da humanidade, a sede de poder, de dominação, de colonização e subjugação tem sido sempre levada às últimas conseqüências, por todos os meios disponíveis: armas, idéias, tecnologias... e gramáticas normativas.”

A imposição da linguagem como forma de imposição social pode ser também percebida no âmbito internacional neste processo capitalista de relações comerciais entre países. Onde uma potência econômica se sobrepõe às demais. Neste caso, os EUA, com sua dominação mundial. Onde se constata uma hegemonia linguística comercial da língua inglesa.

Embora tenhamos nossa língua portuguesa como uma ramificação do português de Portugal, notamos em nossa língua, influências da língua inglesa. Como por exemplos nas palavras Catchup, Shampoo, entre outras muito utilizadas por nós brasileiros que, embora tendo sua expressão equivalente na língua portuguesa, fazemos uso da forma inglesa. Impondo sua língua, os EUA impõem também sua cultura, assim como muitos de seus costumes bem como ideologias são também impostos a outros países.

### 3. A mídia na sociedade contemporânea

É notório vermos como a mídia aborda o preconceito lingüístico, mistificando o conceito de que existe uma única forma correta de se falar.

Bagno (2004, p. 40) observa que:

“O preconceito lingüístico se baseia na crença de que só existe [...], *uma única língua portuguesa digna deste nome* e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada na gramática e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação lingüística que escape desse triângulo, escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito lingüístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

Igualmente Marta (2008, p. 42) salienta que “na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo que fosse diferente do que está registrado ou codificado por nossas gramáticas fosse inerentemente errado”.

A mídia com seu papel fundamental em nossa sociedade contemporânea, de informar e formar o cidadão, contribuindo deste modo para a formação da própria sociedade pode e deve atuar no combate aos mais diversos tipos de preconceitos. E temos visto muitas campanhas veiculadas pela mídia, como supostas tentativas de neutralizar muitos desses preconceitos. Mas no que diz respeito ao preconceito lingüístico, vemos este ser alimentado a cada dia pelas diversas mídias, seja em matérias de jornais e revistas, impressos ou eletrônicos, seja em novelas, programas de humor entre outros. Assim, a mídia que nos dias atuais tem teoricamente se empenhado no combate às diversas formas de preconceito, segue alimentado diariamente outro tipo de preconceito, o lingüístico.

Citando mais uma vez Bagno (2004, p. 13), confirma-se nossa hipótese:

“[...] o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar que é ‘certo’ e o que é ‘errado’, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos”.

O preconceito lingüístico, como já dito, constitui-se num preconceito social, e carrega em si o estereótipo do pobre. Mas, além deste, o preconceito lingüístico em diversos programas humorísticos é trajado de muitos outros estereótipos como: o

homossexual, a prostituta, o caipira, o negro, entre outros. O pior é que estes preconceitos são apresentados como modo de entretenimento e diversão.

Classes sociais, etnias, orientações sexuais, raças, culturas, modos de fala são, desrespeitados, inferiorizados, humilhados em programas humorísticos como estratégia de promover o riso. E, o mais chocante, é que programas com estas características compõem a maioria da grade de humor da TV aberta no Brasil. Sendo esta, a TV aberta, destinada às classes sociais sem prestígio.

Como bases para esta pesquisa, foram analisados alguns personagens humorísticos de programas da TV brasileira, bem como de peça teatral. Dentre os analisados, citamos da Praça é Nossa, o personagem Jeca Gay, e, a personagem Dona Edith, da peça teatral Terça Insana.

#### 4. Transcrições e análises de alguns personagens da cena humorística brasileira

##### 4.1. Dona Edith, de Terça Insana.



Fonte: [http://www.youtube.com/watch?v=zQQOzVF\\_zjs](http://www.youtube.com/watch?v=zQQOzVF_zjs)

*Boa noti, meu nome é Edith Maria Manuelina Tarabetina Capitulina de Jesus Amor Divino. Eu sô líder comunitária, eu tô aqui não pa falar eu vô se curti e grossa, pá lançá meu livru qui chama, “Como educá seu filho na favela”.*

*Você qui num tem os pobrema qui eu tenho, não tem os pobrema qui eu passu, não podi sinti como é educar um filho... na favela. Mas essi livo, qui é facícuo di lê porque é escrito em facícus, vai ajudá você a compriender, não é meu drama, porque eu não to aqui dramano nada, mas as condição qui genti vivi.*

*Bom, primeramente eu gostaria di dizê qui eu escrevi essi livro, na verdadi eu não escrevi não, quem escreveu foi minha fia, porque eu sou semi-anafabeta. Mas eu ditei tudo i ela escreveu aqui, ta tudo iscrito.*

*Qué dizê, o qué que tem aqui? Insimantu, não meu nem seu nem di ninguém, as, insinamento du mundu.*

*Poque genti, a pessoa hoji, ela vivi certa dificusidadi, que não é pa todo mundo não.*

*É, ou não é ou não é? É! Intão, aqui, eu trato di tema i coisa, qué muito difícil por exempu que é o probrema da nutrição. As criança em casa si fizé vontadi, uma fera, uma cumida elas comi tudu num dia.*

*Eu tenho uma minina lá chamada nininha que a desgraçada é viciada em cremicraqui, e agora num sei, veno muitia televisão a desgraçada ta querenu cume cum margarina.*

*Eu já expriquei a ela, disse: "Minha filha..., veja a situação da sua mãe e du seu pai, ganhanu um salário mínium, nessa recessão du diabu, pá botá cumida dendi casa, pa você chega destruir tudo é se exu".*

*Qué dizê, eu não posso...,eu não posso impidi meus fio di cume, má também num quero qui coma tudu, pá quando chegá em casa, até eu, eu num tê o qui cume.*

*Portanto genti, aqui, vocês vão incrontá, dica, qui é, iscondê uma cumida, botá num lugá mais altu, qué dizê, são coisa cá gente vai fazê pá pude instrui. Otu pobrema, cá genti tem aqui muito séria, que eu trato nesse livro, nu facícuo, qui é a paralisia.*

*Eu vô perguntá aqui, i vocês vão respondê.*

*Qual é a dona di casa qui nunca si sintiu uma alejada, qui nunca si sintiu uma, uma leprosa, uma parálitica quando chega nu supermercadu? Qui num tem força pa pega aquele poduto mais caro? Qui num consegui levanta a mão pa compa um papel higienio melho? Purque não dá.*

*Você vai compra um creme dental nu preço qui tá. Qué dizê, as pessoa acha qué só cume..., não é! Não é! I a higieni? Ondi é? Purque diz qui pobri é sujo, fidido i u diabo. Mais quem é qui podi compra um creme dental hoje nu preço qui tá?*

*A desgraçada da nininha, a bicha, ela é uma, a minina ô genti eu vô dizê. É muii isforço pa genti cria um, um fio. A minina agora cismo di cume pasta di denti, eu vô fazê uquê? Eu vô matá? Não. Não genti, eu vô inducá eu vô iscrarecê, qui até si eu crebassi u denti era melhó pelomenu pasta di denti eu já cunumizava.*

*Intão ceis vão incrontá aqui, não lição puque quem dá lição mesmu é Deus, mais dica, coisinha, qui você podi fazê im casa, dê-lhe um pão, um pãozinhu qui você iscondi, qui já é um café du dia siguinti. Num é ou num é ou num é? Um açúcar, uma açúcar qi você dexa di bota num chá, né? Uma farinha qui voçê bota a mais pa pudê ingrossá u feijão.*

*Qué dizê, a genti... issu é um..., é uma coisa difícil qui eu vô fala agora... Quantas veiz, a genti ta ali..., num tem vontadi..., desejo, di cume um chantilly?*

*Má cumé qui a genti vai cumê um chantilly nu preçu du morangu comu ta? Seja di Atibaia, seja di calqué lugá, é purissu queu cramu, é purissu queu gritu é purissu queu digu, "A genti... é pobri, a genti é lascadu, más lá nu morru a genti não dexa..."*

*Música: Não deixa o barraco cair, não deixa a família tombar, não deixa o marido beber, nem o filhinho fumar.*

*Não deixa o barraco cair..., não deixa a família tombar...*

No quadro dona Edith, pertencente à peça teatral Terça Insana, essa personagem é apresentada na figura de uma mulher que, para se comunicar, utiliza-se de uma linguagem não regida pela gramática normativa. Por isso, a própria pessoa fica

desprestigiada e inferiorizada. Ironicamente, a personagem tem uma característica que é peculiar à maior parte dos falantes do português brasileiro, que não utilizam a forma culta para se comunicar.

A fala de tal personagem é carregada de “erros” gramaticais, como a falta de concordâncias plurais em palavras como “as condição”, “as pessoa”, “são coisa”. Ainda é notória a troca da letra “l” pelo “r” em palavras como, “expriqueei”, “escrarecê”, “cramo”, bem como a omissão da letra “r” em algumas palavras como, por exemplo, “livu”, “pa falá”, “compa”, “puquê”, entre outras.

Tal personagem, além de ser caracterizada como péssima usuária do português, carrega outros estereótipos, como o de ser pobre, negra, favelada, mãe de ladrão, o que acaba acarretando uma tipificação do sujeito que desconhece a gramática, na concepção dos que não consideram as conquistas da sociolinguística.

Além disso, tal ação para com a linguagem menos privilegiada, acaba por reforçar outros tipos de preconceitos, como por exemplo: A negra, moradora de favela, líder comunitária e semi-analfabeta, deixando assim evidente, por trás de uma “simples personagem” de uma peça teatral, que teria por objetivo o entretenimento e o humor, a sustentação de vários tipos de outros preconceitos.

É ainda explorado pela personagem, o retrato do pobre no Supermercado, ao consumir sempre os produtos mais baratos, que é o que sua renda permite consumir, comparando-os por este fato, a leprosos e parálíticos. Deste modo, chega a equiparar tal classe social a doentes e portadores de deficiência, numa visão completamente pejorativa do negro, do sexo feminino, pobre e ignorante.

A personagem vale-se ainda, de formas de tratamentos depreciativos para com os filhos, tratando uma das filhas por “desgraçada e exu”, rotulando de mal educador o pobre que é morador de favela. Cria-se assim, um paradoxo, visto que tal personagem se apresenta justamente lançando um livro intitulado “Como educar seu filho na favela”.

### **3.2. Jeca Gay, do humorístico “A Praça é Nossa”**



Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=1ZBgo5mJzL0>

*Música:*

- “I é verdadi é sim sinhô, quem mi conto foi um pescador,  
I é verdadi, é sim sinhôr, quem mi contou uouououo foi um pescador!”*
- *Ohhh, mi dá um abraço, amigu véiu!*
  - *Ai ai a, di vargazim.*
  - *Qui foi?*
  - *De vargazim.*
  - *O que aconteceu?*
  - *De vargazim.*
  - *Qui qui houve?*
  - *Ôooo, cê sabi qui dá um trabai.*
  - *A genti, a genti num tá siguru lugar ninhum.*
  - *Mai nem,*
  - *Ninhum, lugar ninhum.*
  - *Mai nem, mai nem im casa, nem na praça, nem na rua, nem na igreja!*
  - *É nu meu casu, eu num tavu num casamentu finu, chiqui, di primera,*
  - *Hã*
  - *nu, nu, na igreja, pois num saiu uma briga im riba du altar cumeu balapa tudu ladu.*
  - *Mintira!*
  - *Éeee...*
  - *Mais era assim um casamentu ricu lá di Goiânia?*
  - *Acha! Aqui!*
  - *Aqui em São Paulo?*
  - *Aqui!*
  - *Vô conta pro cê. Fui num casamentu amigu meu muito batuta, ele é oitavu suplente vereador lá em Capão Redondu,*
  - *Hã,*
  - *i ele tava casanu cuma subrinha dele de catorze anu.*
  - *Cá subrinha...*
  - *Subrinha é, nu, a nissu,*
  - *cê acredita qui na hora du casamentu dois convidadu incapuzadu..., eles arrumaram uma briga ali nu altar du trem ali, cê num imagina...*
  - *Mais péra ai, péra ai, oitavu suplente di... vereador di capão Bonitu,*

- *Capão Redonu.*
- *Capão Redonu, pera, pera, era u Malão!*
- *Éeee...!*
- *I você não me convida pra uma festa dessa...*
- *Eu num alembrei.*
- *Cê sabe qui eu gostu di mulheres glamurosas, mulheres bonitas.*
- *Pois é, tava tudu lá!*
- *Agora, quem são esse convidados que tavam encapuzados?*
- *Não, todumundu!*
- *Todus?*
- *Tudu tava di capuiz.*
- *Mas por quê?*
- *Só tinha dois diferenti, era eu i u padri.*
- *Daí eu inda falo pro cê, o padri inda tava caquela mascarinha daquela du zorru. Tava bunitim.*
- *Hã...*
- *Genti fina em, i saiu um tiroteiu lá na, dentru da igreja? Caiu todumundu, deitou nu chão,*
- *Claru!*
- *Bala cumendu, usu, usunicu qui, qui ficaram im pé era eu i u padri.*
- *Ainda oiêi pra ele tremendu, falei: “ Oh padri, prossegui a cirimônia pa vê si acarma as orveia”, né...*
- *I u padre?*
- *Ai u padri apagou u charutu, qui eli tava fumanu na hora né, ele pagou, ( risos)*
- *U padri pa pagou u charutu, cumeço u sermão,*
- *Hã*
- *Ai é qui eu notei qui eu tavu tingidu.*
- *Tava o quê?*
- *Tingidu di sangui.*
- *Atingidu.*
- *É, é.*
- *A bala ti pegou?*
- *A bala mi pegou.*
- *A meu Deus du céu! I ai rapaz?*
- *Ai u homi u cunvidadu lá incapusadu qui tinha dadu u tiru, chegou pra mim, cumeçou mi isaminá, mi aparpá. Ai eu falei u ce carma u ce carma, é só uma bala perdida, dexa issu pra lá né.*
- *Ai meu Deus du céu!*
- *Eli falo assim, cê trata di achar essa bala si não eu vô ti mostra u qui é uma faca perdida.*
- *Meu Deus!*
- *Qui gelada qui você entrou cara!*
- *É, é, ai eu dismaiei.*
- *Claru! Lógicu!*
- *Dismaiei, eu ... dismaiei.*
- *Quando eu acordei, já tava u curativu.*
- *Ué... ondi é qui ta u curativu qui eu num to venu?*
- *Ah, própria palavra já ta falanu ué!*
- *Si fossi nu pé era perativu... (risos)*
- *I quem qui ti levou ao médicu cara?*
- *Quem mi levou nu médicu foi u... pai da noiva, nu casu, u irmão du noivu.*
- *Qui loucura...*
- *I comu é qui eli tava, coitadu, divia ta nervosu!*

- *Não, normal.*
  - *U bafu deli qui tava muito nervosu!*
  - *Tantu qui eu cabei dismaianu di novu, só fui acorda lá nu bundatóriu.*
  - *Ai, bundatóriu..., ambulatóriu!*
  - *Não, bundatóriu devidu u local ondi tingiu a bala.*
  - *Há.*
  - *Bulatóriu elis tiveram qui pega nas bola, (risos)*
  - *Ai, fiquei vermeiu. Deu lá um tratu, uns dois treis pontu né,*
  - *Hã, falo, oi num da tempu nem di lava. Ce vai pra casa, si tivé fartanu argum pedaçu ce vorta!*
  - *Hã, ...perdeu algum pedaçu?*
  - *...não, qui faiz farta assim não! Agora só mijá sentadu, (risos)*
  - *Eu juru eu não sei comu é qui você conseguiu conservar essi bom humor cara!*
  - *O ce sabi lá un Buritiçu, eu, eu façu serenata,*
  - *É mesmu?*
  - *Tocu viola, decramu,*
  - *Pintu*
  - *Ai dagora pra frenti já num garanru muito não, (risos)*
  - *Mais você declama mesmu é?*
  - *Si eu decramu?*
  - *É...*
  - *Ixí, é diária! Eu fui num concursu decramação lá em Brasília, agora, só us decramado impotanti mesmu né.*
  - *Hã.*
  - *Ganhei delis tudu!*
  - *Não mi diga, parabéns!*
  - *Tirei segundu lugar, i si aqueli tar di Tiririca num tivessi nu concursu eu era u premeru! (risos)*
- Música:*
- “I é verdadi é sim sinho, quem mi conto foi um pescador,  
I é verdadi, é sim sinhor, quem mi contou uouououo foi um pescador!”*

No quadro do personagem Jeca Gay, do programa A Praça é Nossa, do SBT, tal personagem, é figurado sob o estereótipo do caipira, com seu linguajar típico, retratado como mal falante do português padrão. Este último, tido como única forma correta de falar o português.

Estereotipado sob tal figura, o personagem apresenta um modo de fala carregado por construções que a gramática normativa não reconhece como válidas, como por exemplos: “vargazim”, “trabai”, “casu”, “eu num tavu”, “em riba do altar”, “vô conta pro cê”, entre outras, além de fazer uso do “r” arrastado, típico dos moradores das regiões afastadas das grandes capitais.

Ao usar esta forma de linguagem, retratando o linguajar do “caipira”, a fim de provocar o riso, notamos neste personagem, a exploração do preconceito lingüístico.

Porém, a exploração do preconceito por parte do personagem, não se dá somente no campo lingüístico, mas também no campo social. Fica evidente a exploração do preconceito a uma classe social menos favorecida que, compõe as classes sociais desprestigiadas, tendo por este motivo, desprestigiado também o seu código lingüístico. No entanto, ao promover o preconceito lingüístico e o preconceito social em relação ao caipira, o personagem, alimenta outro tipo de preconceito. O preconceito sexual. Não bastando o rótulo de mal falante da língua portuguesa e do pobre, o mesmo é rotulado de homossexual, e isso tudo, como mecanismos para promover o riso. Desse modo, ridicularizando as classes marginalizadas, os falantes das variedades do português não-padrão e os homossexuais.

Além da vestimenta, pela qual se caracteriza tal personagem como o caipira pobre e homossexual, o mesmo traça uma camisa branca, com um nó na altura do umbigo, uma calça presa por uma corda no lugar do cinto, trazendo sobre os ombros uma enxada, símbolo dos moradores das zonas rurais, que se dedicam a carpir, sendo esta, decorada com um buquê de flores. O texto também se vale de palavreados de baixo nível, como por exemplo, a associação pejorativa da palavra curativo, feita pelo personagem, quando este se relata ter sido alvejado por uma bala perdida, revelando que como medida de tratamento fora feito no lugar atingido um curativo, no entanto, curativo em razão do local alvejado, enquanto que se tal local fosse no pé, seria “perativo”. Revela ainda, o personagem, que, após ser atingido, o mesmo fora levado ao “bundatório” e não ambulatório, sendo ainda esta associação decorrente do local alvejado. Pode ser ainda interpretada a expressão “bundatório” relacionada ao homossexualismo apresentado pelo personagem.

Todos estes traços pejorativos compõem um personagem humorístico de um dos programas de humor da TV aberta do Brasil, que se vale assim do preconceito lingüístico, social e sexual, como mecanismo da promoção humorística.

## **5. Considerações finais**

Até que ponto, as mídias nacionais querem de fato com suas campanhas de cunho social, trabalhar a conscientização, combate e mesmo neutralização dos diversos tipos de preconceitos existentes nesta sociedade?

Se por um lado, campanhas de conscientização contra os mais diversos tipos de preconceitos são veiculadas pelas mídias nacionais, seja em relação ao preconceito racial, social, sexual, religioso, étnico, preconceitos em relação a portadores de necessidades especiais entre outros; por outro lado, em programas humorísticos, a própria mídia se vale da utilização dos mesmos tipos de preconceitos como forma de fazer humor, para alcançar seu objetivo de fixar-se perante seu público. É o que fica evidente ao analisarmos estes programas.

Verifica-se que os personagens citados, não bastasse a rotulação de mal falantes do português, são ainda caracterizados como: pobres, homossexuais, negros, mulheres, prostitutas, caipira etc.

São estes estereótipos que configuram tais personagens de aparência inofensiva, mas que refletem e deste modo acabam por contribuir para a propagação de tais preconceitos. Isso nos faz questionar a verdadeira intenção dos veículos de comunicação ao promoverem campanhas de caráter conscientizador.

Seriam antes estas campanhas, estratégias que visam exclusivamente à autopromoção?

Verifica-se ainda, outro fato curioso. Tais programas são destinados à grande massa, composta pelas classes sociais desprestigiadas. As mesmas classes sociais figuradas em tais personagens.

A partir deste fato fica evidente a necessidade de uma profunda mudança cultural nesta sociedade brasileira. A grande massa, representada de forma pejorativa nestes programas, é levada a rir de sua própria existência, depondo contra si própria, assumindo rotulações que lhe são impostas, qualificando-se como ignorante, inferior, e servindo, para as classes de prestígio e para si mesma, de motivo de escárnio.

## **Referências**

BAGNO, M. *Preconceito lingüístico: o que é como se faz*. 35 ed.. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. *A língua de Eulália* : novela sociolinguística. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAGA, A. *O preconceito lingüístico na mídia*. Disponível em <http://www.portuguesdobrasil.net>, acesso em 02.12.10.

FIORIN, J.L.. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.

FIORIN, J.L.; SAVIOLI, F.P.. *Para entender o texto: leitura e redação*. 7 ed.. São Paulo: Ática, 2000.

MARTA, Maria P. S. *Variação Linguística, Mídia e Preconceito*. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 2 ed.. São Paulo: Cortez, 2002.

SANDMANN, A.J.. *A linguagem da propaganda*. São Paulo: Contexto, 1999.

SANTOS, J.L.; *O que é Cultura*. 16 ed.. São Paulo: Brasiliense, 1996.

[http://www.youtube.com/watch?v=zQQOzVF\\_zjs](http://www.youtube.com/watch?v=zQQOzVF_zjs). Acesso em 10/04/11.

<http://www.youtube.com/watch?v=1ZBgo5mJzL0>. Acesso em 24/06/11.